

# A herança maldita do presidente Lula

**Fernando de Holanda Barbosa**

A imprensa tem noticiado que a presidente Dilma Rousseff herdou do presidente Lula uma herança maldita, que exige corte no orçamento do governo e aumento da taxa de juros pelo Banco Central. Existe mesmo uma herança maldita ou essa história está mal contada?

A literatura econômica tem dedicado algum esforço para construir modelos de ciclos econômicos políticos. Esses ciclos são induzidos pelo político no governo para beneficiar a si próprio ou o seu candidato, na eleição que se aproxima. Os instrumentos de política econômica, como o orçamento público na política fiscal, a taxa de juros na política monetária e a taxa de câmbio na política cambial, são usados para provocar expansão do produto, redução no desemprego e aumento

da renda que beneficiam no curto prazo o eleitor. O resultado dessa política, um pouco mais adiante, em geral, depois da eleição, é causar um aumento da taxa de inflação, com a reversão da bonança. Depois de eleito, o político ou seu (sua) candidato(a) é obrigado(a) a tirar o pé do acelerador e colocar o pé no freio. O ganho do produto é apenas transitório.

Os mesmos argumentos para explicar ciclos econômicos políticos podem ser usados para compreender situações nas quais o governo, de modo voluntário ou não, teve que usar políticas econômicas contracionistas, que aumentam o desemprego e reduzem a renda, e que têm como consequência a derrota do partido político no governo. O pressuposto desses modelos é que o eleitor vota em quem produz bons resultados na economia, mesmo que no longo prazo exista certa miopia. Ele não enxerga o comportamento oportunista do político.

Qual a evidência empírica desses modelos nas sociedades democráticas modernas? A evidência empírica não é conclusiva. Todavia, alguns episódios são bem conhecidos. O presidente Nixon pressionou o presidente do Fed, o banco central americano, Arthur Burns, que tinha sido professor de economia na Universidade

de Columbia, para baixar a taxa de juros. Ele o fez e Nixon foi reeleito. O presidente Carter não teve sorte, pois Paul Volcker, então presidente do Fed, combatia a inflação de dois dígitos dos Estados Unidos com elevadas taxas de juros. A recessão norte-americana da época impediu a reeleição do presidente Carter. O presidente Bush, o pai, perdeu a reeleição para o presidente Clinton, porque a economia norte-americana estava ainda em fase de recuperação da recessão.

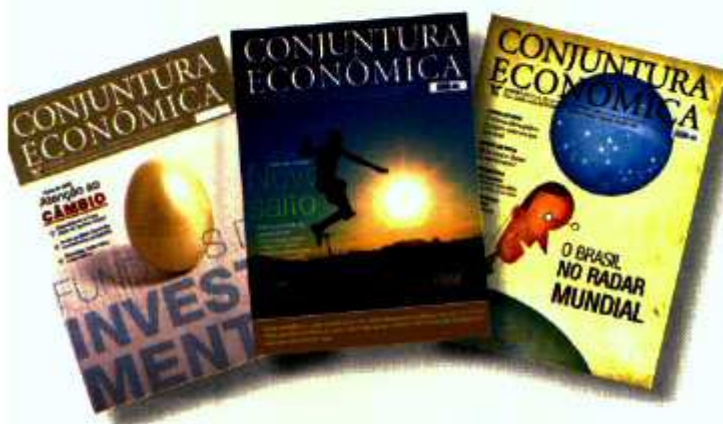
No Brasil, o presidente Fernando Henrique Cardoso foi eleito e reeleito com o Plano Real. Mas, seu candidato, José Serra perdeu a eleição para o presidente Lula em virtude do choque de energia que produziu uma redução substancial do emprego e da renda. O presidente Lula foi reeleito numa situação bastante favorável da economia que vinha numa recuperação sustentável, depois de jogar fora no início do seu governo, a herança maldita do antigo programa econômico do Partido dos Trabalhadores.

Como diz o ditado popular, gato escaldado tem medo de água fria. O presidente Lula usou todos os instrumentos que tinha à sua disposição para eleger seu sucessor. Na área econômica, a política fiscal que era expansionista para combater o *tsunami* norte-americano continuou expansionista, mas, agora com outro objetivo. O ex-presidente do Banco Central, Henrique Meireles, que tinha se filiado ao PMDB para atender ao presidente Lula, não elevou a taxa de juros o suficiente para impedir o avanço da inflação que estava

O resumo da ópera  
é o seguinte:  
não há herança  
maldita, existem  
apenas contas a  
pagar da eleição.  
Oxalá, que a  
presidente Dilma  
pague

a caminho. O resumo da ópera é o seguinte: não há herança maldita, existem apenas contas a pagar da eleição. Oxalá, que a presidente Dilma pague, porque será melhor para todos nós. ■

Fernando de Holanda Barbosa é professor da  
Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV



## CONJUNTURA ECONÔMICA

**Central de atendimento ao assinante**

conjunturaeconomica@fgv.br  
08000 25-7788